



Histórias de vida produzidas por jornalistas-escritores para público juvenil: estudo de caso da coleção Heróis e Campeões¹

Profa. Dra. Monica Martinez (UniFIAMFAAM)
Prof. Dr. Dimas A. Kunsch (Faculdade Cásper Líbero)².

Resumo

O presente trabalho resgata a história da série Heróis e Campeões, da editora Salesiana. Acompanha os três anos, do planejamento em 2005 ao lançamento da segunda fase, em 2007, ressaltando a estruturação dos livros e o método de produção de seu conteúdo editorial. Destaca, também, o cuidado com o estilo narrativo empregado, realizado por jornalistas-escritores familiarizados com as teorias da escola do Jornalismo Literário, sobretudo no âmbito das histórias de vida.

Palavras-chave

Livro-reportagem; histórias de vida; biografias; série Heróis e Campeões; Grupo Tear. Jornalismo Narrativo.

Corpo do trabalho

Para entender o papel da Coleção Heróis e Campeões, que é o objeto destas reflexões, pode ser útil traçar, ainda que de forma breve, a história dos salesianos no Brasil. Trata-se de uma congregação religiosa católica com carisma educativo, fundada pelo padre italiano João Bosco (1815-1888). Nascido em Castelnuovo d'Asti, no norte de Itália, em 16 de agosto de 1815, o futuro Dom Bosco, quando menino, foi educado dentro dos preceitos cristãos pela mãe, Margarida, uma camponesa e católica fervorosa. Aos nove anos, o pequeno João Bosco descobre sua missão por meio de um sonho: deveria dedicar-se à educação da juventude.

Ao ordenar-se sacerdote, coloca-se sob proteção de São Francisco de Sales — daí o nome salesianos. Estamos em Turim, no norte da Itália, em plena

¹ Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Monica Martinez (martinez.monica@uol.com.br) é professora do Programa de Pós-Graduação da Academia Brasileira de Jornalismo Literário e titular da disciplina de Jornalismo Literário do UniFIAMFAAM Centro Universitário. Dimas A. Kunsch (libero@facasper.com.br) é professor e vice-coordenador do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. Ambos integram o grupo Tear: Jornalismo Narrativo, que se dedica à produção de livros-reportagem.



Revolução Industrial: as fábricas aceleram o seu ritmo produtivo; a cidade explode, com a chegada da população vinda do campo; o desemprego, a fome e a desintegração social assustam. Em 11 de novembro de 1875, um grupo de dez missionários salesianos sai dali com destino a Gênova, de onde três dias depois embarca para Buenos Aires para fundar uma casa na Patagônia argentina.

É apenas oito anos mais tarde, em 1873, que a congregação chega ao Brasil³, com o objetivo de cuidar da educação de jovens carentes, filhos de escravos que haviam sido beneficiados pela lei do Ventre Livre e de imigrantes italianos. O Colégio Santa Rosa, fundado dez anos depois, em 1883, em Niterói (RJ), é o primeiro de uma rede de ensino que hoje conta com 118 escolas de ensino fundamental e médio, 10 universidades e centros universitários, 90 mil alunos, 4 mil educadores e 188 obras sociais que atendem 250 mil jovens carentes⁴.

Dentro desse contexto, a editora Salesiana (ou Editora Salesiana Dom Bosco, como antes se chamava) surge inicialmente, há mais de meio século, como uma prestadora de serviços gráficos. Publica também livros diversos, mas não possui uma política editorial bem delineada, uma vez que, como se disse, estava focada sobre a produção gráfica. Exemplo é que, desde 1982, graças a uma parceria com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é responsável pela produção editorial e distribuição de todo o material da Campanha da Fraternidade.

Outro ponto importante da editora é o segmento de livros didáticos, uma vez que essa proposta pedagógica é abastecida com material próprio. Observe-se, no entanto, que toda essa quantidade de material didático para a Rede Salesiana de Escolas (RSE), um projeto em expansão, sai da gráfica da editora, e não diretamente de seu Departamento Editorial. Em 2005, no entanto, a editora, em parceria com a própria RSE, começa a visualizar outro nicho de mercado interessante: o dos livros paradidáticos, que funciona de forma complementar ao dos didáticos.

³ In: http://www.upv.org.br/paginas/salesianos_brasil.asp. Acesso em 30/4/2007.

⁴ In: <http://www.editorasalesiana.com.br/cfdocs/rede.cfm>. Acesso em 30/4/2007.



Para compreender o panorama onde a coleção Heróis e Campeões se insere, é fundamental observar primeiro a segmentação do mercado de livros infanto-juvenis. Atualmente, esse mercado é formado por quatro segmentos mais ou menos distintos. O primeiro é o de crianças entre 6 e 7 anos, *leitores iniciantes*, que, de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação e Cultura, o MEC, se encontram no primeiro estágio de alfabetização.

Na etapa seguinte, de 8 a 9 anos, os *leitores em processo* já manifestam certo domínio da leitura. Ao redor da quinta-série do ensino fundamental, as crianças de 10/11 anos são consideradas *leitoras fluentes*, capazes, portanto, de compreender os códigos literários. Finalmente, a partir dos 12/13 anos, ao redor da sétima série, espera-se dos adolescentes, *leitores críticos*, o domínio dos mecanismos da leitura e capacidade de reflexão sobre o universo contido na obra.

Nesse contexto de consolidação da editora para a produção de livros didáticos e paradidáticos, não só para o público da rede de ensino, mas também para consumidores em geral, em 2006, o então coordenador editorial, Dimas A. Kunsch, tem a idéia de revitalizar uma série antiga e bem-sucedida da casa: a série Heróis e Campeões.

Trata-se de uma série sobre personalidades de destaque no Brasil ou em outras partes do mundo, seres exemplares em cujas histórias de vida as crianças e os jovens possam se inspirar. O diferencial da nova produção em relação à anterior, escrita por religiosos, é que a série 2006 seria feita por um grupo de jornalistas-escritores, especializados não somente em técnicas de pesquisa e apuração de informação, mas também de produção de narrativas.

O primeiro passo foi obter o apoio dos diretores da Editora, tendo à frente o padre Ailton Antônio dos Santos, também ele autor do paradidático “Só na Paz”, que trata do tema da solidariedade e da paz por meio de reportagens, charges, quadrinhos e sugestões de atividades. Aval obtido, Kunsch parte para o convite aos escritores. Assim, no segundo semestre de 2005, é formado um grupo inicialmente composto por seis



jornalistas com experiência teórica e prática de narrativa: Renata Carraro, Alex Criado, Márcia Gimenez, Jaqueline Lemos, Monica Martinez e Bernadete Toneto.

Eis a concepção da obra: do ponto de vista gráfico, visa-se a produção de um livro simples e fácil de manusear, no formato 11,5 cm por 17 cm, com 32 páginas, miolo em *offset* 63g, 1 cor, capa em papel couché de 180g em quatro cores, com um boneco, feito por meio de ilustração, do protagonista da história. Prevê-se a tiragem de 5.000 exemplares de cada título, que na prática acaba sendo limitada a 3.000 unidades.

Do ponto de vista da estrutura textual, à proposta inicial do coordenador editorial são acrescentados dois itens, o *making of* e um minicurriculo dos autores.

Assim, o projeto final prevê que a obra seja dividida em cinco blocos:

1. **Texto principal:** a história é contada em três a cinco capítulos curtos, de fácil compreensão, com entretítulos (totalizando 27.500 caracteres).
2. **Contextualização:** as duas páginas, inseridas exatamente no miolo do livro, permitem localizar o protagonista em seu tempo e espaço (2.200 caracteres).
3. **Making of** o recurso, bastante praticado em narrativas mais extensas da escola de Jornalismo Literário, tem o objetivo de permitir ao autor compartilhar a forma como produziu a história, bem como seu envolvimento e as emoções que o trabalho despertou. Do ponto de vista pedagógico, é considerado útil para ensinar a forma como a pesquisa foi conduzida (1.000 caracteres).
4. **Cronologia:** uma página que permite sumarizar, de forma visualmente clara, os momentos mais marcantes da trajetória do protagonista (editada no formato ano/acontecimento, com total de 25 linhas).
5. **Minibiografia do autor:** dentro do contexto de entrelaçamento de vida e obra, a série contempla espaço para o leitor conhecer o autor (200 caracteres).

Dez personagens são selecionados para a primeira fase da série. Os três primeiros, importantes para a comunidade salesiana, são Margarida, ou Mamãe Margarida, como é mais conhecida (a mãe de Dom Bosco, que se revelaria a *best seller* da série, com a venda integral da primeira tiragem de 3.000 exemplares), Domingos Sávio e Laura Vicuña (os dois últimos seriam confiados a Bernadete Toneto, jornalista que já havia trabalhado com a editora Salesiana e estava familiarizada com a história desses personagens).

Seguem-se quatro personagens brasileiros: Dom Hélder, Chico Mendes, Betinho e Irmã Dulce. Esta última é entregue a Márcia Gimenez, jornalista de uma importante



publicação de circulação nacional da Editora Abril. Já como personagens estrangeiros são escolhidos João Paulo II, Madre Teresa de Calcutá e Mahatma Gandhi. No momento da escolha, os jornalistas Alex Criado e Jaqueline Lemos, ativos em movimentos sindicais, optam respectivamente por Dom Hélder/Chico Mendes e Betinho/Madre Teresa. A jornalista Renata Carraro, com experiência em publicações de editoras religiosas, dedica-se a João Paulo II e Mamãe Margarida. Já a jornalista Monica Martinez, com vivência em comunidades alternativas e coberturas para a grande imprensa dos resgates de rituais religiosos contemporâneos a partir dos anos 1980, dedica-se a compreender a vida do líder espiritual indiano Mahatma Gandhi.

O trabalho dos textos é dividido em três fases, bem marcadas:

1. **Compartilhamento de informações e planejamento literário:** em um primeiro momento, uma reunião permite aos autores compartilhar os saberes sobre os protagonistas, bem como a linha de desenvolvimento da narrativa visualizada pelos jornalistas individualmente.
2. **Primeira versão:** o método de trabalho contempla que os textos, uma vez finalizados, sejam lidos por todos os autores, com a missão de encontrar possíveis falhas de apuração e de propor soluções mais eficazes do ponto de vista de construção textual.
3. **Finalização:** feitas as alterações sugeridas — aceitas ou não, de acordo com cada autor, de modo a preservar sempre a autoria —, o texto é editado com o auxílio do coordenador editorial da Salesiana.

Há um escalonamento na entrega das histórias para o coordenador editorial. As três primeiras são entregues em 16 de novembro, três em 30 de novembro e as quatro finais em 15 de dezembro. Na prática, as últimas histórias são editadas em 24 de dezembro de 2005, véspera de Natal.

Para atender o período letivo, o lançamento é realizado em janeiro e, em 11 de fevereiro de 2006, ocorre em São Paulo uma reunião de confraternização entre os autores. Esse e alguns momentos seguintes são dedicados à reflexão sobre o processo produtivo, buscando-se alinhar a bagagem teórica do grupo à práxis. São levantadas algumas dificuldades significativas da primeira fase, como a falta de informações preliminares, o que havia prejudicado o processo de apuração de personagens como Laura Vicunã, Mamãe Margarida e Domingos Sávio num espaço muito curto de tempo.



Nos livros produzidos para a série em 2006, nota-se um esforço especial no processo de coleta de informações, com a intenção de aproximar o personagem dos jovens leitores brasileiros. Conforme consta do projeto inicial:

Gancho: para caracterizar muito bem a produção nacional, para todos os personagens não brasileiros, buscar gancho local. Por exemplo, no caso do papa João Paulo II, poderia ser a primeira viagem dele ao Brasil. Ou outro. Ou mais que um. O mesmo vale para os personagens salesianos⁵.

Esta recomendação é adotada em quase todos os trabalhos. Quando o personagem é o papa João Paulo II, por exemplo, a autora relata o caso de uma garotinha que, como acredita piamente a família, nasceu por intermédio da devoção ao líder religioso católico. Outra observação referente ao primeiro lote da série diz respeito ao entrosamento da equipe, um aprendizado que se revelará na prática na segunda fase da série.

Outras recomendações do coordenador editorial, em específico quanto à qualidade narrativa, ficam mais evidentes nessa segunda fase. Trata-se propriamente da solicitação por um texto em estilo jornalístico-literário⁶. Ainda do projeto, documento que registra a fase inicial, consta a seguinte recomendação: “Contar a história com emoção, ressaltando os episódios e elementos mais importantes da vida e luta do personagem (não é biografia)⁷”. Escolher a estrutura de fatos que daria sentido à história do personagem, vista na ótica de um adolescente, foi, sem dúvida, um dos desafios a serem superados nas primeiras dez histórias.

Não menor, o obstáculo seguinte seria o de atender à recomendação de que se tratava de “narrativa, não descrição, de fatos, cenas, personagens, ação, movimento: linguagem cinematográfica”⁸. Redigir cenas com o material obtido, por vezes escasso, foi um desafio para vários autores. Em Gandhi, por exemplo, alguns trechos atendem a essa recomendação:

⁵ KUNSCH, Dimas. Projeto Série Heróis e Campeões. São Paulo: Salesiana, 2006.

⁶ O Jornalismo Literário é uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da ou inspirados pela literatura. De acordo com o jornalista norte-americano Norman Sims, professor da Universidade de Massachusetts Amherst, seus traços básicos são: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos, como inclusive metáforas, digressão e humanização. Esta modalidade, também conhecida como Jornalismo Narrativo, tem como principal teórico no Brasil o professor doutor Edvaldo Pereira Lima, autor de *Páginas Ampliadas*: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura (Manole) e um dos fundadores da Associação Brasileira de Jornalismo Literário. In: <http://www.textovivo.com.br>. Acesso em 1/5/2007.

⁷ Idem.

⁸ Ibidem.



Ao voltar à Índia, Gandhi não lembra em nada o jovem advogado bem vestido que partira rumo à África do Sul em busca de fortuna. Aos 46 anos, o homem pequeno e magro — tem 1,53m e 52 quilos — que desembarca sob a Porta das Índias tem cabeça raspada, bigode grisalho, usa óculos redondos de aro de aço e *khadi*, um quadrado de algodão cru que ele próprio fia e enrola em volta do corpo.

Não traz posses, apenas uma ambição: libertar seu povo. É um líder espiritual, como definirá seu amigo Rabindranath Tagore, poeta que ganhou o Prêmio Nobel da Literatura em 1913: “*Mahatma, uma grande alma em roupa de mendigo*”.

Gandhi jamais gostou do título. Mas é assim que ficou conhecido mundo afora, como Mahatma, Grande Alma⁹.

Será somente na segunda fase da série, no entanto, que essa qualidade narrativa atingirá um patamar mais sólido e visível. No meio tempo, outra produção em conjunto, *Casa de Taipa: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem* (Salesiana, 2006), coordenada por Dimas A. Kunsch, azeita ainda mais o funcionamento do grupo.

Iniciada no segundo semestre de 2006, a série é contemplada com seis novos títulos. São escolhidos quatro personagens internacionais: o pacifista e pastor batista norte-americano Martin Luther King Jr (Monica Martinez); a filósofa alemã Edith Stein (Dimas A. Kunsch); o garoto paquistanês Iqbal Masih, mártir da luta contra o trabalho infantil; o francês Raoul Follereau, que se destaca na luta pela desmitificação da hanseníase, doença na época dele conhecida como lepra. E dois personagens nacionais: o brasileiro participante da ONU, Sérgio Vieira de Mello, morto no Iraque (Jaqueline Lemos), e a irmã Dorothy Stang, religiosa católica de origem norte-americana, assassinada na Amazônia (Bernadete Toneto).

Essa segunda leva encontra o time mais afinado, e a produção atinge um patamar de qualidade superior à da primeira fase. No primeiro semestre de 2007, é formado experimentalmente um grupo de leitura-piloto, composto por alunos da habilitação em Jornalismo do curso de Comunicação Social da UniFIAMFAAM Centro Universitário. Na oportunidade, são apresentados dois trabalhos, que recebem comentários positivos e sugestões de aperfeiçoamento. A história do menino Iqbal Masih, por exemplo, comove os graduandos pela capacidade da autora de trabalhar o tema, altamente emotivo, com sensibilidade:

⁹ MARTINEZ, Monica. **Mahatma Gandhi**. São Paulo: Salesiana, 2006, p. 18.



Todos os dias Iqbal levanta de madrugada e vai para a fábrica, onde labuta por mais de 12 horas. Quando chega em casa, à noite, mal tem forças para se manter em pé. Ele se deita na cama e murmura:

– Mamãe, estou com fome. Não comi nada o dia inteiro...

Mas quando Inayat chega com a cumbuc a de chá e um pedaço de pão, seu pequeno já partiu para o mundo dos sonhos. Um mundo onde crianças não trabalham, são alimentadas na hora certa e vão à escola todos os dias.

Morando de aluguel com a mãe e dois irmãos numa casa baixa, cuja mobília consiste em três camas de corda e um baú branco de ferro onde se guardam as roupas e os poucos objetos de valor, a vida de Iqbal se resume à fábrica, a 200 metros de distância.

Veza ou outra, é acordado bruscamente de madrugada:

– Temos um lote de tapetes que precisa ficar pronto imediatamente. Venha!

– Mas ele precisa dormir... – tenta argumentar a mãe com o patrão.

Ele dá de ombros e empurra o menino, ainda sonolento, para a fábrica. E aí de Iqbal se adormecer: será despertado com golpes do cortante garfo de pentear tapetes!¹⁰

O primeiro capítulo do segundo texto discutido com a turma de graduandos de jornalismo encanta pela ousadia da autora em apresentar uma Amazônia viva e pulsante:

Silêncio!

Com toda a autoridade que a tradição me confere, eu peço: silêncio!

Ararajubas, é hora de parar a festa. Chega de fazer barulho com seus pios estridentes e suas asas verde-amarelo. E vocês, sabiás, assentem-se nos galhos do mogno. Pavãozinhos, japins e bem-te-vis, sosseguem a cantoria.

Ciganas, inhunas e jacamins, venham para baixo de minha copa. Mas, antes, alertem o macaco guariba e o macaco prego, o quati e o quando, a preguiça e a onça pintada, a anta e a cutiara. E não esqueçam de chamar o gavião-real, que também atende pelo nome de harpia.

Eu, a castanheira, peço a palavra¹¹.

Para contar a história da religiosa vitimada pela luta fundiária no Pará, a autora recorre inicialmente ao ponto de vista da árvore nativa.

Na biografia de Martin Luther King Jr., a narrativa se inicia não pela história do pastor batista que anos mais tarde receberia o prêmio Nobel da Paz, mas pelo “não”, dito de forma veemente, porém humanizado, de Rosa Parks:

Após mais um dia de trabalho duro, a costureira negra norte-americana Rosa Louise Parks deixa o serviço e atravessa a rua para ir à droguaria. Com 42 anos, pequenina e simpática, ela usa chapéu e, por baixo do casaco, um vestido simples — é primeiro de dezembro de 1955 e faz frio. Feitas as compras, Rosa pega a condução para voltar para casa.

¹⁰ CARRARO, Renata. **Iqbal Mashih**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

¹¹ TONETO, Bernadete. **Dorothy Stang**. São Paulo: Salesiana, no prelo.



Ao subir no ônibus tricolor — amarelo em baixo, verde no centro e topo branco —, ela fica aliviada ao notar o lugar vazio no fundo do veículo. Ela se encaminha para o lugar vago — localizado bem atrás da seção *Somente para Brancos* — e senta-se. Cheia de pacotes, tudo o que Rosa quer nesse final de quinta-feira cinzento é escapar do inverno frio que cai sobre Montgomery e chegar logo em casa. Conforme o ônibus percorre seu trajeto pelas ruas da capital do Alabama (EUA), com seus 120 mil habitantes brancos e 48 mil negros, o veículo vai se enchendo de passageiros.

Não demora muito para que todos os assentos estejam ocupados. Quando dois homens brancos entram e pagam suas passagens, o motorista se vira sobre o ombro e, como é de costume, olha para o fundo do ônibus e ordena que os negros cedam o banco para os passageiros que haviam entrado.

Depois de alguma hesitação, três negros se levantam. Rosa Parks, a quarta da fila, não se mexe. O motorista grita:

— Olha, mulher, eu disse que quero seu lugar. Você vai se levantar?

Gentil, mas firmemente, ela responde:

— Não.

Estupefato, o motorista pára o ônibus. Está armada a confusão: a jovem, que havia nascido em uma fazenda e se tornado costureira porque tivera que parar de estudar para ajudar a família, está decidida.

— Não, eu não vou me levantar.

Sua paciência com a injustiça racial havia chegado ao limite. E, acima de tudo, seus pés doíam¹².

Não foi somente a qualidade textual da série que cresceu. Outros itens, como a contextualização, também ficam mais definidos. Exemplo é o do livro da filósofa Edith Stein, canonizada pelo papa João Paulo II em 1998:

Um continente muito orgulhoso de si mesmo e altamente convencido de possuir uma missão civilizadora no mundo. Essa é a Europa do final do século XIX e início do século XX em que Edith Stein nasce e vive sua infância e juventude. Um continente acostumado a apostar todas as suas fichas na própria força, na sede de domínio e na fé cega no progresso ilimitado da indústria, da ciência e da tecnologia.

Aí vem a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com seu trágico balanço de 10 milhões de mortos e o dobro de feridos. Representa um primeiro e grande sinal de contradição nessa lógica incapaz de perceber que progresso, tecnologia e ciência não necessariamente fazem as pessoas serem mais humanas.

Não é difícil perceber, também, que a Segunda Guerra Mundial (1940-1945) estava sendo gestada ali, na mesa onde os vencedores dividiam os despojos da primeira grande guerra. Depois, ficou fácil atribuir hipocritamente toda a culpa da tragédia ao terror nazista. Poucos se perguntaram, até hoje, que mundo era esse, tão orgulhoso de si quanto frágil em seus fundamentos humanos.

Edith Stein vive intensamente todo esse período. Dedicava-se à procura de fundamentos sólidos para a ciência, para a filosofia, para a vida. Está à procura de si mesma. Era uma pessoa em busca da verdade. Era uma mulher consciente de seu papel no mundo. Grande amiga do conhecimento e da sabedoria (é esse o

¹² MARTINEZ, Monica. **Martin Luther King**. São Paulo: Salesiana, no prelo.



significado original da palavra filosofia), acabou virando uma das tantas vítimas dessa onda imensa de insanidade¹³.

Findo o processo produtivo, parte dos jornalistas envolvidos decide consolidar o grupo, criando o Tear — Jornalismo Narrativo. São todos professores e pesquisadores de jornalismo que encontram nesse modelo a oportunidade para colocar em prática a teoria estudada¹⁴.

Os seis títulos finalizados em março de 2007 encontram-se, neste mês de junho, em fase de editoração, estando previstos para serem lançados no segundo semestre. Atualmente encontram-se sob os cuidados do jornalista Alex Criado, coordenador editorial da Editora Salesiana desde 2006.

Terminada a parte prática da produção, as reflexões contemplam agora a adequação da série ao público-alvo, inicialmente focado em alunos de Ensino Fundamental II (quinta à oitava série) e do Ensino Médio, além da Catequese. Dentro da Rede Salesiana de Escolas, a série passa a ser oferecida aos professores de religião, cujo conteúdo programático prevê o trabalho com biografias.

Num segundo momento, provavelmente para a terceira fase da série, as discussões devem se concentrar no aperfeiçoamento da apresentação gráfica. Isso porque a idéia inicial era a de livros de qualidade a um preço acessível — solicitação que foi atendida. Tanto que a unidade pode ser comprada na editora ou por *sites* como o Submarino por R\$ 3,50.

Contudo, uma pequena lombada e capa com gramatura maior e ilustração mais atraente parecem, no presente momento, a solução para garantir maior visibilidade para essa série, que tem cuidadoso tratamento editorial. A idéia é que os jovens a partir dos 12 anos, considerados pelas diretrizes do MEC como leitores críticos, estão acostumados com um elevado patamar de qualidade gráfica que a série também precisa oferecer.

Referências bibliográficas

CARRARO, Renata. **Iqbal Masih**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

_____. **Mamãe Margarida**. São Paulo: Salesiana, 2006.

¹³ KUNSCH, Dimas A. **Edith Stein**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

¹⁴ Em abril de 2007, os sete participantes do Tear são: Renata Carraro, Denise Casatti, Alex Criado, Dimas A. Kunsch, Jaqueline Lemos, Monica Martinez e Bernadet e Toneto.



CASATTI, Denise. **Raoul Follereau**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

CRIADO, Alex. **Chico Mendes**. São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. **Dom Helder**. São Paulo: Salesiana, 2006.

GIMENEZ, Márcia. **Irmã Dulce**. São Paulo: Salesiana, 2006.

KUNSCH, Dimas A. (coord.). **Casa de Taipa** ³/₄ o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem. São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. **Edith Stein**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

_____. **Maus pensamentos** ³/₄ os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

LEMOS, Jaqueline. **Betinho**. São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. **Madre Teresa**. São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. **Sérgio Vieira de Mello**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas** ³/₄ o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LUDUVIG, Monica Martinez. “Jornada do Herói: Estrutura Narrativa Mítica para a Construção de Histórias de Vida em Jornalismo”. Tese de doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2002.

MARTINEZ, Monica. **Mahatma Gandhi**. São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. **Martin Luther King Jr.** São Paulo: Salesiana, no prelo.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente** ³/₄ narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

TONETO, Bernadete. **Domingos Sávio**. São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. **Dorothy Stang**. São Paulo: Salesiana, no prelo.

_____. **Laura Vicuña**. São Paulo: Salesiana, 2006.